

Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Deputados Municipais, Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Senhores Representantes das Forças Armadas e das Forças de Segurança, Senhores Representantes das instituições judiciais, Senhores Representantes das associações, coletividades e instituições do nosso concelho, Minhas Senhoras e Meus Senhores.

Celebramos hoje o 25 de Abril.

E antes de qualquer outra palavra, há um dever que não podemos ignorar. O dever de lembrar.

Lembrar aqueles que lutaram pela liberdade quando ela não existia. Lembrar aqueles que resistiram em silêncio, que foram perseguidos, presos, torturados. Lembrar aqueles que foram obrigados a partir, a deixar o seu país para viver em liberdade. Lembrar também os que perderam a vida, na guerra, nas prisões, ou simplesmente porque o regime lhes negou oportunidades, saúde, educação, futuro. E hoje, aqui em Famalicão, onde assinalamos também a inauguração do Monumento ao Combatente, essa memória ganha um significado ainda mais profundo. Porque lembrar os que combateram é também lembrar o contexto em que o fizeram. Um país sem liberdade, sem escolhas, onde tantos foram chamados para uma guerra que não escolheram.

E lembrar, com um sentido muito especial, os homens e as mulheres do nosso concelho, que viveram essa realidade e carregaram o peso de um país fechado e atrasado.

Porque esse país existiu. Um país sem liberdade, sem voz, sem escolhas. O 25 de Abril não caiu do céu. O 25 de Abril foi conquistado.

Mas essa conquista não está garantida para sempre. A democracia não é um dado adquirido. A liberdade não é irreversível.

Vivemos tempos em que crescem forças de extrema direita que vivem da desinformação, que exploram o medo e que alimentam a divisão. Não é uma perceção, é um facto. Ainda esta semana, o Relatório Anual de

Segurança Interna dá conta do aumento dos crimes de ódio em Portugal e do crescimento de redes extremistas, muitas delas alimentadas por propaganda e radicalização nas plataformas de comunicação. Forças que encontram espaço no tumulto social, que normalizam discursos de ódio e de exclusão e que colocam em causa direitos que julgávamos definitivamente conquistados. Mas importa dizê-lo com clareza: o pluralismo e o multipartidarismo são conquistas de Abril e pilares da nossa democracia. Aquilo que não pode ser normalizado são discursos e práticas que se afastam dos valores da nossa Constituição, que vivem da desinformação e que procuram dividir em vez de unir.

Forças que, na Europa, se sentam ao lado de projetos políticos como os de Viktor Orbán e de Marine Le Pen, que têm colocado em causa valores fundamentais da democracia. E isso diz muito sobre o caminho que representam.

E não vale a pena fingir que isto está longe de nós.

Abril ensinou-nos o contrário. Ensinou-nos que a democracia se constrói com verdade, com respeito, com inclusão e com participação. Foi também Abril que garantiu igualdade plena de direitos políticos entre homens e mulheres, permitindo que hoje tenhamos mulheres em todos os órgãos de decisão, a exercer livremente a sua voz. E essa é uma conquista que deve ser valorizada todos os dias.

Mas Abril também nos obriga a olhar para o presente.

A liberdade plena não se faz apenas com palavras. Faz-se com condições reais de vida. Faz-se com habitação digna, com acesso à saúde e com uma educação de qualidade.

E é aqui que temos de ser claros.

Ao longo da última década, estes pilares não tiveram a resposta que o concelho precisava. Na habitação, faltaram soluções para as famílias. Na saúde, centros como os de Valado dos Frades e de Famalicão degradaram-se e perderam resposta, com falta de médicos de família. Na educação, continuamos a ter alunos a estudar em contentores.

Este caminho tem de mudar.

Porque não há liberdade plena quando falta casa. Quando falta saúde. Quando falta educação. E também não há futuro sem cultura, sem investimento sério e continuado e sem a valorização efetiva das nossas associações e das nossas pessoas. E hoje, no nosso concelho, prestamos homenagem a título póstumo a Álvaro Labrinho Lúcio, um nazareno que foi exemplo claro dessa ligação entre cultura, pensamento e cidadania. Desde jovem ligado à vida cultural, mostrou-nos que a educação não se faz apenas na escola. Faz-se também na forma como pensamos, como participamos e como nos envolvemos na comunidade.

Por isso, mais do que celebrar, é preciso agir.

Abril não é um ritual. Abril é uma exigência diária.

Cabe-nos estar à altura dessa exigência. Com responsabilidade, com coragem e com verdade.

Façamos aquilo que Abril nos ensinou. Não desistir. Não aceitar retrocessos. Não adiar o essencial.

Enquanto houver quem não desista da liberdade, haverá sempre futuro.

25 de Abril sempre. Fascismo nunca mais. Viva a Liberdade. Viva o nosso concelho. Viva Portugal.